Release

Linha fina

Primeira edição das poesias completas de Florbela Espanca no Brasil, inclusive esparsos jamais publicados no Brasil.

# Título

Poesia Completa

# Autor

Florbela Espanca

# Nacionalidade

Portuguesa

# Coedição

# Título original

(Não tem. A poesia completa de Florbela Espanca nunca foi editada no Brasil.)

# Copyright

Domínio público

# Categoria

Poesia

# Escola

Modernismo português, poesia portuguesa, poesia de língua portuguesa, literatura de autoria feminina

# Palavras-chave

literatura de autoria feminina, literatura portuguesa

Categorias BISAC

POE005020 - Poesia / Mulheres Autores

POE011000 - Poesia / Europeia / Espanhola e Portuguesa

POE022000 - Poesia / Temas / Amor e Erotismo

Categorias THEMA

1DSE-PT - Poesia Portuguesa

2AC - Poesia de Mulheres

5PG - Poesia lírica

Coleção

Metabiblioteca

# Tradução

# Organização

Fabio Mario da Silva, um dos maiores especialistas na poesia de Florbela Espanca, é professor de Literatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem dessa universidade. É pós-doutor em Literatura Portuguesa (2016) pela Universidade de São Paulo (USP) e em Estudos Portugueses pela Universidade de Lisboa. É pesquisador do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa e do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto. Publicou a obra de Florbela Espanca e de Judith Teixeira, em parceria com a Professora Cláudia Pazos Alonso, em Portugal. É um dos organizadores do *Dicionário de Florbela Espanca*, com Jonas Leite, e direção científica de Maria Lúcia Dal Farra.

# Preparação

Fabio Mario da Silva

# Edição

Rogério Duarte e Suzana Salama

# Revisão

Rogério Duarte

# Capa

Lucas Kröeff

# Data lançamento

Previsão: 9/2/2024

# Sobre o livro

Primeira edição da *Poesia Completa* de Florbela Espanca no Brasil, este volume inclui os três livros de poesia preparados pela autora: *Livro de mágoas* (1919), *Livro de “soror saudade”* (1923) e *Charneca em flor* (1931), publicado postumamente. O livro contém também toda poesia esparsa de Florbela, além de uma edição intitulada *Reliquiae* (organizada, em 1931, por Guido Battelli, professor italiano da Universidade de Coimbra, com quem a poetisa travou diálogo sobre sua produção) e do caderno-manuscrito *Trocando olhares*, escrito pela autora ainda muito jovem, antes da publicação dos livros que a consagraram. Entre os esparsos, encontram-se versos nunca publicados no Brasil, como o soneto ``Conventos'' e dois fragmentos escritos no caderno de física da estudante Florbela, intitulados ``Amor é gota celeste'' e ``Sempre que vejo estas letras''.

# Sobre a autora

Florbela Espanca (Vila Viçosa, 1894 – Matosinhos, 1930) foi escritora e tradutora. Exímia sonetista, publicou ainda em vida *Livro de mágoas* (1919) e *Livro de ``soror saudade''* (1923), e deixou a cargo de Guido Battelli a publicação de *Charneca em flor* (1931), que veio a lume postumamente. Dedicou-se à escrita de contos (*As Máscaras do destino*, *O dominó preto* e algumas narrativas esparsas) e de um *Diário*, todos publicados após sua morte. Florbela é considerada uma precursora do discurso erótico-amoroso na literatura portuguesa, temática vedada às escritoras na época em que viveu. Transgressora para o Portugal do início do século XX, foi casada três vezes. Após a sua morte, acabou por ser condenada pelos conservadores e aclamada pelo público leitor. Sua obra foi reeditada várias vezes e .

# Trechos da apresentação da edição brasileira

p.9: “Na fase de amadurecimento entre a infância e a adolescência, encontram-se na obra de Florbela todos os temas que serão trabalhados posteriormente na fase adulta, quando começa a publicar suas obras. Celestino David, num artigo de 7 de dezembro de 1930, lembra ter visto Florbela criança e mais tarde adolescente pelas ruas de Évora, interessando-se pelos livros que eram publicados, ao mesmo tempo que ensaiava as primeiras publicações em jornais na altura”.

p.10: “Sobre as obras organizadas por Florbela, Tereza Leitão de Barros refere, num texto de 1924, que as duas iniciais, *Livro de mágoas* e *Livro de “soror saudade”,* de 1923, merecem acolhimento e, apesar do egocentrismo e dos “senões” presentes nelas, as considera como “qualquer cousa, difícil de definir, que lhes imprime rara amplitude e elevação lírica”. Ressalta que, uma vez liberta de efêmeras modas poéticas, é impressionante o espetáculo de todas as paisagens e da ansiedade de atingir os serenos modelos parnasianos — Florbela será, pois, um dos mais “radiosos valores da última geração literária”.

p.11-12: “Nuno Júdice afirma que Florbela sai do lirismo tradicional para assumir formas da modernidade mais extrema, como pela via da heteronímia, na elaboração do sujeito poético da “Soror saudade”, mas com uma real distinção da concepção pessoana. É a partir dessa mesma linha de leitura que Renata Soares Junqueira assevera, ao se debruçar sobre a contística de Florbela, que uma análise mais cuidadosa do aparato das máscaras, de todos os artifícios retóricos e das poses na obra florbeliana tenderia a mostrar que, tanto os seus versos quanto as suas narrativas, estão revestidas da mesma teatralidade, uma das mais importantes características dos movimentos de vanguarda no princípio do século xx”.

p.13: “Devido às polêmicas, Florbela tornou-se uma espécie de pária social que principalmente as mulheres deveriam evitar. Por isso, críticos como Nemo, pseudônimo de J. B. Sousa, e o Padre Alegria escreveram textos a condenar a poesia, bem como a biografia, de Florbela, devido ao cariz erótico de sua obra e à sua postura um tanto transgressiva para os padrões femininos da época”.

p.13: “Como se sabe, apesar do erotismo, há experiências poéticas místico-religiosas na obra de Florbela, principalmente alusivas ao ambiente monástico de Vila Viçosa e de Évora. Por exemplo, no desconhecido soneto intitulado “Conventos”, publicado pela primeira vez nessa edição brasileira, o eu lírico identifica o estado melancólico em que se encontra ao comparar-se aos conventos, bem ao estilo de Paul Verlaine”.

p.17: “Para ler a poesia de Florbela, há um verbo que é chave: *sentir*. E as sensações são despertadas de diversas formas — pelo contato ou diálogo com o mar, o rio, a pedra, o sol, o vento, o crepúsculo e o rouxinol, bem como pela noite, pela chuva, pela charneca, pela figura do amado etc. — que ajudam a elaborar um discurso em movimento, apontando para diferentes modos de ser e de estar no Mundo: ser a poetisa eleita, a mulher mais linda, a princesa, a monja, a mendiga, a castelã etc.”

p.21: “O corpo é o objeto a sentir a partir de todas as possibilidades (degustar, ver, tocar, cheirar, escutar) e remete, imediata- mente, para a consumação do ato sexual, para a posse do corpo do amado através da necessidade de fusão”.

p.22: “Em suma, apesar de haver na poesia de Florbela alguns escritos que remetem ao pudor e ao recato, a exigência da sedução imposta pelo discurso do eu lírico se deve a uma erosão progressiva do pudor corporal. Assim, a sua poesia reabilita os desejos femininos com a experimentação do corpo masculino. Mas a posse do corpo do outro não deixa de estar associada a um discurso apaixonado: amor afetivo rima com amor físico, e tal despudor lírico é o testemunho da mulher que se liberta de regras submetidas a preceitos patriarcais. Daí que, em Florbela, as carícias, a lembrança de um beijo, de uma ardência amorosa e do flerte favorecem uma progressiva evolução dionisíaca no domínio do discurso”.

# Trechos do livro

**Poema 1:**

**Eu...**

Eu sou a que no mundo anda perdida,

Eu sou a que na vida não tem norte,

Sou a irmã do Sonho, e desta sorte

Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,

E que o destino amargo, triste e forte,

Impele brutalmente para a morte!  
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...

Sou a que chamam triste sem o ser...

Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,

Alguém que veio ao mundo p’ra me ver,

E que nunca na vida me encontrou!

**Poema 2:**

**Volúpia**

No divino impudor da mocidade,

Nesse êxtase pagão que vence a sorte,

Num frêmito vibrante de ansiedade,

Dou-te o meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...

A nuvem que arrastou o vento norte...

— Meu corpo! Trago nele um vinho forte:

Meus beijos de volúpia e de maldade!

Trago dálias vermelhas no regaço...

São os dedos do sol quando te abraço,

Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos

Vão-te envolvendo em círculos dantescos

Felinamente, em voluptuosas danças...

# Imprensa